

ENTREVISTA

Indexação e filmes de terror: categorização cinematográfica em plataformas de vídeo *on demand* - Entrevista com Rafael do Carmo

Sobre o entrevistado

Em 2022, o bibliotecário [Rafael do Carmo](#) defendeu sua dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do [Prof. Dr. Thiago Henrique Bragato Barros](#).

Natural de Recife, Pernambuco, Rafael tem como hobby ir ao cinema. No âmbito profissional, atua como bibliotecário na Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Sua dissertação: “[Indexação e gêneros cinematográficos: análise da categorização de filmes de terror em plataformas de vídeo *on demand*](#)” teve como tema geral a representação ou categorização de filmes. O pesquisador investigou como três plataformas de *streaming* de filmes (ou vídeo por demanda) – Globoplay, Netflix e Amazon Prime Video – “traduzem” o conteúdo de filmes de terror dentro das suas interfaces e como elas apresentam essas informações aos usuários, comparando-as com o que se destacava na literatura sobre o gênero cinematográfico terror.

Convidamos Rafael para nos contar, nesta entrevista, sobre sua experiência no mestrado, o desenvolvimento de sua pesquisa e seus projetos para o futuro.



Rafael do Carmo é bibliotecário na Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

ENTREVISTA

Divulga-CI: O que te levou a fazer o mestrado e o que te inspirou na escolha do tema da dissertação?

Rafael do Carmo (RC): Quando concluí a graduação, tive a certeza de que em algum momento da minha carreira como bibliotecário, iria seguir para o mestrado. A experiência de escrever o TCC foi bem empolgante e o fato de o corpo docente da universidade onde cursei a graduação (UFPE) ter sido tão receptivo ao tema me animou no processo. Na época, escrevi sobre a utilização da crítica cinematográfica como apoio a dois processos comuns da área da CI (indexação e catalogação de filmes). No mestrado, quis partir para uma abordagem mais próxima dos gêneros cinematográficos e a presença massiva de plataformas de *streaming* me instigou a entender se o que essas plataformas apresentam como tags ou categorias centrais correspondiam em algum grau ao que se debate nas pesquisas sobre filmes e suas divisões centrais (gêneros cinematográficos). Uni o útil ao agradável.

DC: Quem será o principal beneficiado dos resultados alcançados?

RC: Pesquisadores de cinema, *streaming* e interessados na organização do conhecimento audiovisual e reprodução deste conhecimento em plataformas.

DC: Quais as principais contribuições que destacaria em sua dissertação

para a ciência e a tecnologia e para a sociedade?

RC: Acredito que a plataformização – disponibilidade de um conjunto de recursos e serviços em plataformas sob demanda – do entretenimento não é um fenômeno isolado e nem é recente. Contudo, percebo que há pouca produção na área sobre os efeitos dessa plataformização na forma com que esse usuário interage com o documento ou com o conhecimento obtido a partir daí. Meus esforços entram neste contexto.

DC: Seu trabalho está inserido em que linha de pesquisa do Programa de Pós Graduação? Por quê?

RC: Meu trabalho foi inserido na linha 1 – Produção e Organização da Informação do PPGCIN – UFRGS. A inserção nesta linha vem do uso de autores mais próximos da OC. Também considero que, por se tratar de uma pesquisa voltada à categorização, o tema está mais próximo desta linha do que as outras disponíveis no programa.

DC: Citaria algum trabalho ou ação decisiva para sua dissertação? Quem é o autor desse trabalho, ou ação, e onde ele foi desenvolvido?

RC: Acho que toda a produção de Rosa Inês Novaes Cordeiro (professora titular da UFF) foi uma grande fonte de inspiração desde a graduação. Ela fez um esforço pioneiro em utilizar ferramentas e teorias da ciência da informação em pesquisas sobre o

ENTREVISTA

documento audiovisual. Em especial, o artigo “[Informação cinematográfica e textual: da geração à interpretação e representação de imagem e texto](#)” lançado em 1996 me toca até hoje, por justamente simbolizar uma produção que merecia mais destaque na área.

DC: Quais foram os passos que definiram sua metodologia de pesquisa?

RC: De início fiz o que considero padrão quando tento produzir qualquer texto – selecionar alguns termos relevantes e pesquisar na CAPES e bases de dados específicas na ciência da informação e do cinema. Nessa pesquisa, acabei encontrando algumas ferramentas utilizadas em outras pesquisas que foram úteis a minha pesquisa. Escolhido o instrumento, tive um período de diálogo com o orientador na época para verificar se realmente os instrumentos utilizados poderiam fornecer informações úteis. Em seguida, a forma de análise dos dados também foi debatida e fechamos o processo de escrita.

DC: Quais foram as principais dificuldades no desenvolvimento e escrita da dissertação?

RC: Trabalhar com o documento audiovisual na Ciência da Informação é algo bastante complicado. Isso se deve a pouca produção na área sobre o tema, o que foi motivo de grande apreensão no início da pesquisa. Da mesma forma, apresentar os dados obtidos de uma

forma interessante também foi um problema sério.

DC: Em termos percentuais, quanto teve de inspiração e de transpiração para fazer a dissertação?

RC: 70% inspiração e 30% transpiração. Nunca tive problemas em escrever ou passar muito tempo fazendo isso, mas organizar ideias é sempre uma tarefa bem mais complexa. Revisar, ler e reler, verificar as inconsistências... Até hoje descubro algo que deixei passar no documento. Por isso é sempre doloroso reler qualquer coisa que eu produzo.

DC: Teria algum desabafo ou considerações a fazer em relação à caminhada até a defesa e o sucesso da dissertação?

RC: Durante a produção da dissertação, enfrentei a pandemia. Foi um período extremamente complexo cujos efeitos – na minha opinião – ainda não foram analisados como deveriam. A sensação de isolamento era brutal e tento não levar isso comigo desde então. Acho que devemos evitar essa coisa tão consagrada no imaginário acadêmico que é a do isolamento como ingrediente para o desenvolvimento de uma pesquisa. Não deveríamos sofrer para construir o conhecimento e esse sofrimento – que pode sim ocorrer – não deveria ser incentivado como sinto que é...

DC: Como foi o relacionamento com a família durante este tempo?

ENTREVISTA

RC: Estou morando em outro estado desde 2015. A relação sempre foi boa e eles me incentivaram bastante. Em 2018, me casei e minha esposa foi uma fonte inesgotável de ânimo e perseverança. Enfrentamos a barra da pandemia e até hoje estamos aí, firmes e fortes.

DC: Agora que concluiu a dissertação, o que mais recomendaria a outros mestrandos que tomassem seu trabalho como ponto de partida?

RC: Não tenha medo ou preocupação sobre a falta de produção do tema. Se torne a produção! Acredite no que pretende construir porque isso faz a diferença na hora de escrever

DC: Como você avalia a sua produção científica durante o mestrado? Já publicou artigos ou trabalhos resultantes da pesquisa? Quais você aponta como os mais importantes?

RC: Publiquei trabalhos relacionados diretamente à pesquisa em eventos, mas o que considero mais importante foi um artigo que tangencia o tema e dialoga com outra área (linguística). Foi feito em parceria com outros pesquisadores da CI, intitulado: "[As folksonomias e a teoria dos protótipos: avaliação das plot Keywords de filmes slasher no IMDb](#)".

DC: Desde a conclusão da dissertação, o que tem feito e o que pretende fazer em termos profissionais?

RC: Atualmente estou cursando doutorado e sigo trabalhando em bibliotecas.

DC: Pretende fazer doutorado? Será na mesma área do mestrado?

RC: Sim. Estou na mesma temática, dessa vez partindo diretamente para a categorização de filmes.

DC: O que o Programa de Pós Graduação fez por você e o que você fez pelo Programa nesse período de mestrado?

RC: Difícil responder, pois fiz tudo no meio de uma pandemia. Senti falta da sala de aula, do contato mais direto com os colegas.

DC: Você por você:

RC: Alguém bem insistente. Acho que não estaria onde estou se não tivesse total consciência do que quero. Morar em outro estado, longe da família e de toda uma construção de vida foi desafiador, mas a insistência e um coração aberto me permitiram recomeçar. Sou desconfiado, mas sei exatamente onde estou pisando, então consigo entender que nem todas as coisas acontecem do jeito que queremos. Enfim, acho que é isso!

Entrevistado: Rafael do Carmo

Entrevista concedida em: 09 de abril de 2025 aos Editores.

Formato de entrevista: Escrita

Redação da Apresentação: Herta Maria de Açucena do Nascimento Soeiro

ENTREVISTA

Fotografia: Rafael do Carmo

Diagramação: Herta Maria de Açucena
do Nascimento Soeiro